

## Uma história cultural do xadrez

Celso Castro<sup>1</sup>

O xadrez é um jogo especial por combinar várias características. Em primeiro lugar, o acaso não existe no xadrez: ninguém ganha uma partida porque “teve sorte”, nem perde porque “teve azar”. Trata-se de um jogo movido apenas pelo raciocínio dos dois jogadores, que são os únicos responsáveis pelo resultado. Nesse sentido, pode ser dito que trata-se de um jogo perfeitamente existencialista — nele estamos, como numa expressão de Sartre, “sós e sem desculpas”.

Em segundo lugar, o xadrez é de extrema complexidade. Jogado num tabuleiro de 64 casas, cada jogador tem inicialmente 32 peças de seis tipos, cada qual com importância, movimentos e possibilidades de captura específicos. Apenas os quatro primeiros lances podem produzir cerca de 72 mil diferentes posições. Os dez primeiros lances podem ser jogados de cerca de 170 seguido de 27 zeros maneiras diferentes. Trata-se, portanto, de um jogo de possibilidades inesgotáveis.

Em terceiro lugar, o xadrez é especial por sua antiguidade histórica.<sup>2</sup> Sua origem é controversa. Alguns pesquisadores acham que surgiu no Egito ou na China, mas geralmente considera-se que o xadrez teve origem num jogo com o nome sânscrito de *chaturanga*, que já existia na região do Ganges, na Índia, no início do século VII. É possível que tenha sido inventado vários séculos antes. De qualquer forma, é jogado, com poucas variações importantes, por mais de mil anos.

Outra característica notável do xadrez é que as partidas podem ser registradas e posteriormente reproduzidas, lance a lance. Com isso, o acervo histórico de partidas vai sendo sempre aumentado -- e, como todo acervo, o do xadrez possibilita a existência de uma *memória* sobre o jogo que é uma fonte de aprendizagem e prazer

estético. Existe, por exemplo, um problema de xadrez composto por um califa árabe chamado Mutasin Billah em 840 d.C. Temos também o registro de uma partida jogada em 940 d. C. e vencida por um grande jogador árabe de origem turca chamado As Suli (c.880-946), que encantava a corte em Bagdá no início do século X. Sobre esse jogador chegou até nós o comentário de um homem importante da época que, perguntado sobre a beleza das flores de um determinado jardim, respondeu que a forma de As Suli jogar xadrez -- isto é, seu estilo -- era mais bonita do que aquele jardim e todas suas flores. O fato de podermos reproduzir essa partida e igualmente sentir seu encanto e beleza preservados por 1050 anos é uma característica que confere ao xadrez um lugar único entre todos os jogos.

Finalmente, o xadrez é um jogo especial por sua extraordinária difusão através das mais variadas culturas e civilizações. Esse é um ponto sobre o qual gostaria de me deter com mais atenção. Como disse, no início do século VII existia na Índia um jogo chamado *chaturanga*, considerado precursor direto do xadrez. Esse jogo foi disseminado através do continente asiático principalmente pelos budistas, e adaptado ao acervo cultural de diversos países, como China, Coréia e Japão.

A difusão para o Oeste é razoavelmente bem documentada. O jogo alcançou a Pérsia por volta de 625, recebendo o nome de *chatrang*. Após a conquista árabe da Pérsia (631-51), o jogo, agora batizado com o nome árabe *shatranj*, conheceu uma época de grande florescimento. O islamismo proibia os jogos de azar, mas o *shatranj* era considerado um jogo de guerra, e, por isso, permitido. Vários califas tornaram-se aficionados do jogo, e os melhores jogadores recebiam dinheiro para jogar, ensinar e escrever livros.

O *shatranj* foi levado para a Rússia a partir do século IX, principalmente através da rota de comércio Mar Cáspio-Volga. Cristãos bizantinos difundiram o jogo pelos

Bálcãs e Vikings fizeram o mesmo na região do Báltico, tudo isso num período anterior à conquista mongol de 1223. Os mongóis também apreciaram o jogo, especialmente na corte do imperador Tamerlão. O *shatranj* chegou à Europa Ocidental entre os séculos VIII e X por três rotas: inicialmente com os invasores mouros da Península Ibérica; depois, através do Império Bizantino no Leste, e, finalmente, com os sarracenos (invasores islâmicos da Sicília). Por volta do ano 1000 o jogo já era amplamente conhecido na Europa.

A Igreja a princípio se opôs ao jogo, possivelmente devido ao uso freqüente de apostas. Surgiram alguns editos proibindo o clero de jogar, notadamente um do cardeal Damiani em 1061. Entretanto, por volta do século XIII essa proibição foi relaxada ou esquecida, e o xadrez passou a gozar de popularidade entre várias ordens religiosas. Alguns de seus membros inclusive usaram o xadrez em alegorias conhecidas como “moralidades”, comuns na literatura européia da Idade Média, e que tentavam dar uma explicação simbólica ou alegórica do jogo, encontrar paralelos entre a organização da vida e atividade humanas e o xadrez. Essas alegorias geralmente consideravam o jogo como emblemático da condição social da época.

Vejamos um exemplo dessas “moralidades”. A mais antiga conhecida é da metade do século XIII, e ficou conhecida como “moralidade de Inocência”, por ter sido atribuída ao papa Inocência III (papa entre 1198 e 1216). Ao que tudo indica, no entanto, foi obra de um monge galês. O texto diz o seguinte:<sup>3</sup>

“Este mundo todo é como um tabuleiro de xadrez: uma casa é branca, outra casa é preta, e assim representa o duplo estado de vida ou de morte, de graça ou pecado. A família que habita esse tabuleiro é formada pelos homens deste mundo, que -- tal como as peças saídas todas da mesma bolsa -- procedem todos de um só ventre materno. E, tal como as peças, assumem seus postos nos diferentes lugares deste mundo, cada um com sua própria denominação. O primeiro é o Rei, depois a Rainha,

em terceiro lugar a Torre, em quarto o Cavalo, em quinto o Bispo e em sexto o Peão. E o caráter do jogo é tal que um toma o outro e, com o jogo terminado, assim como todos tinham saído da mesma bolsa, a ela voltam. E então já não há diferença entre o Rei e o pobre Peão, pois acabam do mesmo modo o rico e o pobre. E com frequência acontece que, quando se devolvem as peças, o Rei fica por baixo, no fundo do saco; e assim também acontece com os grandes que ao sair deste mundo são sepultados no inferno; enquanto os pobres são levados ao seio de Abraão.”

Temos aqui uma alegoria bastante explícita do nascimento e morte como comuns a toda a humanidade. Essa imagem foi muito popular através de toda a Idade Média, e mesmo depois. É mencionada, por exemplo, no *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes. Aliás, há muitas referências ao xadrez em fontes literárias medievais, principalmente romances. Há passagens sobre reis resolvendo questões de Estado através do jogo, condenados jogando enquanto esperavam a execução, tabuleiros mágicos feitos pelo mago Merlin etc. Rabelais tem uma longa descrição de um jogo de “xadrez vivo”, isto é, com pessoas ocupando o lugar de peças. Mas voltemos à “moralidade”, que prossegue descrevendo agora o movimento das peças:

“A *Rainha* move-se e toma [isto é, captura peças adversárias] na diagonal [essa é uma regra antiga], de modo torto, pois a mulher é tão cobiçosa que só toma tortamente, por obra da rapina e da injustiça. A *Torre* é o justiceiro que percorre toda a terra em linha reta como sinal da justiça com que tudo julga e de que por nada deve seu ofício corromper-se. [...] O movimento do *Cavaleiro* é composição de reto e torto. O reto, representando o direito que tem, em justiça, como senhor da propriedade, de cobrar impostos e de impor justas penas conforme o exija o delito; representando as injustas extorsões a que submete os súditos. [...] Os *Bispos* movem-se oblíqua e tortuosamente duas casas [outra regra de movimento antiga] porque muitos prelados se pervertem pelo ódio, amor, presentes, ou favores para não corrigir os delinquentes nem ladrar contra os vícios, tratando os pecados como um terreno arrendado por uma taxa anual. E assim enriquecem o diabo, fomentando os vícios ao invés de extirpá-los e

se tornam procuradores do diabo. [Observar o anticlericalismo do texto!] Os *Peões* são os pobres que andam uma casa em linha reta, pois enquanto o pobre permanece na sua simplicidade vive honestamente, mas, para tomar, se corrompe e o faz tortamente, pois pela cobiça se bens ou honras, sai do reto caminho com falsos juramentos, adulações ou mentiras.”

Finalmente, há uma passagem interessante sobre o desfecho do jogo:

“O diabo diz: *xequel!* incitando ao mal e ferindo com o dardo do pecado. E se o atingido não sai rapidamente dizendo: *livre!*, pela penitência e compunção do coração, o diabo lhe diz: *mate!*, levando sua alma ao inferno de onde não se poderá livrar de modo algum.”

Pulei propositalmente a parte referente aos movimentos do *Rei*, porque aqui há um ponto importante. Deve ter ficado claro que o princípio subjacente aos movimentos das peças, para o autor da “moralidade”, é que um movimento reto simboliza um movimento/ação moralmente correto, justo; um torto ou na diagonal significa um movimento/ação moralmente incorreto, injusto. Ora, o Rei move-se e captura uma casa em *todas* as direções — com movimentos, portanto, “retos” e “tortos”. Entretanto, a figura real era considerada de origem divina e fonte da justiça, e, portanto, não podia fazer movimentos “tortos” na vida. Qual a solução? O moralista falsificou os movimentos da peça, suprimindo os movimentos “tortos” e dizendo que o Rei se movia apenas retamente.<sup>4</sup> No entanto, naquela época — como hoje — essa peça se movia e capturava em todas as direções.

Temos aqui um exemplo claro de que o interesse maior dessas “moralidades” era com a *alegoria* e não com o jogo. Isso não quer dizer que as moralidades não tenham tido importância para o desenvolvimento do jogo na Europa. Possivelmente

elas divulgaram o xadrez e ajudaram a diminuir o preconceito eclesiástico inicial. Mas, como o historiador do xadrez Murray nota<sup>5</sup>, “para o moralista a fábula era de muito maior importância do que os detalhes do jogo, e os detalhes tinham que se encaixar na explicação, e não o inverso.” O xadrez fornecia apenas a moldura para as alegorias. O alvo das “moralidades” era outro.

Nem todas as alegorias medievais, é bom notar, eram de fundo religioso. Há um poema francês do século XIV, chamado *Les échecs amoureux* que é a descrição, movimento por movimento, de um jogo entre uma dama e seu pretendente. O paralelo entre amor e xadrez aparece também num livro publicado em 1497 pelo espanhol Luís Lucena, intitulado *Repetición de amores e arte de axedrez*.

Por volta de 1475, ocorreram algumas mudanças significativas nas regras do jogo, que modificaram o xadrez árabe e deram origem ao xadrez moderno na Europa Ocidental. Basicamente, o ritmo do jogo foi acelerado e algumas peças substituídas. Os primeiros livros sobre a nova forma do jogo foram todos escritos na Península Ibérica.

Na segunda metade do século XVI, o jogo teve um grande desenvolvimento, e os melhores jogadores passaram a ser patrocinados por mecenas, inclusive reis. Nessa época também começaram a surgir torneios. O mais antigo documentado ocorreu em 1575 na corte de Felipe II da Espanha, quando se enfrentaram jogadores espanhóis e italianos. Venceu o italiano Giovanni Leonardo, que recebeu mil ducados, uma capa de arminho e durante vinte anos sua cidade natal Cutri, da Calábria, esteve isenta de tributos.

Desde então, o xadrez atravessou todas as tendências históricas e modas culturais que surgiram. A partir de 1730, passou a ser muito jogado em cafés, como o *de la Régence*, em Paris, um dos mais famosos pontos de encontro de xadrez de todos

os tempos, com frequentadores ilustres como Voltaire, Rousseau, Robespierre, Benjamin Franklin, Napoleão e Richelieu. O xadrez também não ficou alheio ao igualitarismo iluminista da fase pré-revolucionária. Cinquenta anos antes da tomada da Bastilha, foi publicado o livro fundador do xadrez moderno, por um compositor de música e jogador de xadrez chamado Philidor (1726-95) — *L'analyse des échecs*, que teve enorme sucesso. Nesse livro, é pela primeira vez descrita a estratégia do jogo como um todo e afirmada a importância decisiva da formação de peões, até então os elementos menos considerados do jogo, por serem o de menor poder ofensivo. Mas era época do Iluminismo, e os peões foram revalorizados por Philidor numa frase famosa: “eles são a alma do xadrez.”

A partir daí, a teoria sobre o jogo foi desenvolvida de forma ininterrupta. Surgiram várias “escolas” que preconizavam diferentes estilos ou maneiras de conduzir as partidas de xadrez, como a “Escola Modenense” (de Modena, uma cidade italiana), que em geral se opunha aos ensinamentos de Philidor, preconizando a importância fundamental do ataque rápido e direto ao Rei inimigo através das peças. No final do século XIX, Wilhelm Steinitz (1836-1900) desenvolveu críticas ao xadrez de estilo “romântico”, que defendia o ataque rápido a todo custo, e mostrou a importância da defesa e do acúmulo de pequenas vantagens ao longo do jogo. Ele propunha uma apreciação científica, objetiva do jogo de xadrez. Já um adversário seu, o médico alemão de origem judaica Siegbert Tarrasch (1862-1934), via a partida de xadrez como a imagem de uma guerra: a fase de abertura da partida correspondia à mobilização, ao desenvolvimento estratégico e ao engajamento nos combates iniciais; o meio da partida era a batalha propriamente dita, onde se decidia a vitória, e o final, a realização da superioridade obtida nas fases anteriores. Em sua teoria do jogo, Tarrasch distinguia três elementos principais: as forças, o espaço e o tempo, que seriam

permutáveis entre si, um podendo transformar-se no outro. Na década de 1920 surgiu, em reação a princípios considerados formalistas e ortodoxos como os de Tarrasch, um movimento batizado de “hipermodernismo”, cujos expoentes permitiam ao adversário ocupar a posição central do tabuleiro — mantendo no entanto um controle estratégico, à distância, desse centro — para depois contra-atacar e demolir suas posições.

Não vou falar de todas as “escolas” e tendências modernas. Mencionei algumas apenas para dar uma idéia da variedade de estilos e concepções a respeito do jogo. Hoje em dia, o tempo das “escolas” passou, importando mais o estilo individual para determinar a maneira pela qual os grandes jogadores atuam. Essas “escolas” têm a ver, é bom notar, com grandes jogadores, e não com a maioria absoluta de jogadores amadores, que não dominam sutilezas teóricas a respeito de estratégia, nem são virtuosos táticos — jogam apenas por distração.

Evitarei a soberba intelectual de “explicar” ou “decifrar” o “significado” do xadrez, reduzindo-o a fórmulas do tipo “o xadrez representa não-sei-o-quê” — a guerra, a luta, a vida etc. A esse respeito, gostaria de lembrar o livro do filósofo holandês Johan Huizinga, publicado em 1938, *Homo Ludens*, que tem o subtítulo de “O jogo como elemento da cultura.”<sup>6</sup> Observar que é “da” cultura, e não “na” cultura, porque para Huizinga a própria cultura possui um caráter lúdico: ela é “jogada”. É um livro difícil, com algumas passagens bastante obscuras. De qualquer forma, um dos pontos altos é quando Huizinga ressalta os perigos do reducionismo racionalista: o jogo *em si* não se pode *explicar*. Ele possui um caráter estético, de *divertimento*, que resiste a toda análise e interpretação lógicas: o importante do jogo está *no próprio jogo*, e não, como nos rituais, em algo além dele, que ele “representa”.

Uma afirmação que parece bastante plausível em relação aos jogos em geral é que eles estão intrinsecamente relacionados às características sociais e culturais das

sociedades em que são jogados, que são ritualizações de componentes culturais dessas sociedades, e que não podem ser “compreendidos” sem que o analista leve em consideração esses vínculos. Essa afirmação segue um esquema de pensamento bastante característico das ciências humanas contemporâneas, e que é aplicado em vários contextos e a vários objetos. A história do jogo de xadrez, no entanto, coloca alguns problemas à universalidade dessa afirmação, porque trata-se de um jogo *transcultural*, presente em culturas — e mesmo civilizações — muito distantes no tempo, no espaço e em características culturais. Uma crítica “nominalista” poderia dizer que “xadrez” é apenas uma palavra que, apesar de comum a diferentes culturas, representa na realidade jogos diversos, posto que jogado e representado culturalmente de diferentes formas. Isso pode ser válido para outros jogos, talvez mesmo para a maioria, mas no caso do xadrez esse argumento é fraco. As “moralidades”, “escolas” e outras apropriações culturais do jogo são claramente acessórias. Para além delas, permanece uma estrutura de jogo razoavelmente imutável e que atravessou dessa forma diferentes contextos culturais através de vários séculos.

Para encerrar, um poema:

“O thou whose cynic sneers express  
The censure of our favourite chess,  
Know that its skill is science’ self,  
Its play distraction from distress;  
It soothes the anxious lover’s care,  
It weans the drunkard from excess;  
It counsels warriors in their art,

When dangers threat, and perils press;  
And yield us, when we need them most,  
Companions in our loneliness.”<sup>7</sup>

Esse poema foi escrito pelo califa al-Mu‘tazz, por volta do ano 900 — ou seja, há mil e cem anos. É bem possível que a atração que o xadrez exerce sobre quem o joga hoje seja a mesma exercida sobre aficionados de outros tempos, de outras culturas. Isso, por si só, seria suficiente para tornar o jogo de xadrez uma experiência humana muito especial.

## NOTAS

<sup>1</sup>. Pesquisador do CPDOC da Fundação Getúlio Vargas, doutorando em Antropologia Social no PPGAS/Museu Nacional/UFRJ, autor de *O espírito militar: um estudo de antropologia social na Academia Militar das Agulhas Negras* (Jorge Zahar, 1990), co-organizador de *Visões do golpe: a memória militar sobre 1964* (Relume-Dumará, 1994) e *Anos de chumbo: a memória militar sobre a repressão* (Relume-Dumará, 1994).

<sup>2</sup>. Para a história do xadrez, baseei-me em vários livros, principalmente: David Hooper & Kenneth Whyld, *The Oxford companion to chess* (Oxford, 1988); H. J. Murray, *A history of chess* (Oxford, 1913); R. N. Coles, *The chess-players week-end book* (London, Pitman& Sons, 1950) e Luiz Jean Lauand, *O xadrez na Idade Média* (Perspectiva/EDUSP, 1988).

<sup>3</sup>. Uso a tradução de Lauand, *op. cit.*, p. 49-51.

<sup>4</sup>. Ver Murray, *op. cit.*, p. 530-1.

<sup>5</sup>. *Op. cit.*, p. 530.

<sup>6</sup>. Edição brasileira: Perspectiva, 1980.

<sup>7</sup>. *The Oxford companion to chess*, p. 308.